

O MONSTRO EM MIM

por Moisés Neto

(Na cena há um andaime com objetos do cotidiano amarrado, ao fundo há uma pilha de jornal, e sobre ela uma televisão. Em frente à televisão há um homem de terno com um controle remoto, ele muda de canal o tempo todo. Na frente do andaime há um tapete vermelho estendido, atravessando a cena. Ao fundo ouve-se um som de caixinha de música. Uma bailarina aparece de um extremo, dançando suavemente sobre o tapete, a música vai mudando, de suave à um rock pesado. Enquanto a bailarina dança, ouve-se uma voz em off).

Voz em off - A Glória do Recife é uma rua, e a revolução é uma menina fugindo da chatice latrina americana. E essa menina da rua da Glória que eu quero, e não encontro e me amo sozinho.

(Num outro extremo, aparece um homem, muito sensual, traz no rosto um certo sorriso de malícia. Ele dirige-se à bailarina e a pega para dançar. No início a dança é um pouco ingênua, contudo aos poucos vai tornando-se mais sensual, a bailarina tenta se desvencilhar, porém ele a toma nos braços com mais violência, ela insiste em fugir, e cai. O homem aproxima-se como se fosse uma fera pronta para devorar a presa. Ele vai puxando lentamente o tapete vermelho, enquanto fala, trazendo a presa para si).

Monstro - Ó, índia! Ó cigana, negra, pedra preciosa: Teu olhar solta faísca, pareces agora vitoriosa. Mãos ao alto rapazes, há entre vocês, audazes? O melhor sexo do mundo quer transar, só eu vou encarar?

Bailarina – Não...!!!!

(No grito desesperado da bailarina, o homem absorvido pela televisão, desperta, e grita apavorado, como que desperto das suas próprias lembranças)

Homem — Não!.. **Dorme em mim ainda um monstro**, um pequeno índio chamado destino e, como se fosse um pequeno computador, um pequeno piano, uma pequena harpa, emitindo notas maravilhosas, as vezes me faz chorar.

(A partir desse momento ele fala ao mesmo tempo que o monstro, este por sua vez repete o mesmo texto até o homem parar de falar. Enquanto isso a bailarina em poder do monstro tenta escapar).

Homem - E eu me guardo dentro deste coração, me projeto na emoção, eu te teço peças e projetos, invoco rios e mares, seres cósmicos, novas espécies e vou me entretendo com velha canções. Neste lugar chamado infinito domina-me de modo selvagem. Sinto-me primitivo na selva de sangue, ossos, cabelos, músculos que penetro.

(Só o homem fala)

Homem - Que espero desde os 17. Vida que me prometi. Sonho que acalentei!

(Volta o monstro a falar ao mesmo tempo)

Homem - Paro no meio dessa frenética corrida — Frenético torpor no meio desses versos soltos — Espumas flutuantes, chamo. Tenho um pressentimento. Grito: ninguém responde. Sou atingido perto do coração ó balada infame, esta do caçador ferido, ferido.

Monstro - Lá está o meu suplício, precipício. Meretrício. Atolo meu falo nos corpos, minha alma no lodo, lótus, divindade. Reduzo os meus cálculos, vejo minhas chances, e verdade e... bravo! Nós dois então, abraçados, enlaçados, ensangüentados. *(A bailarina sem saída cede)*

Homem - Meu sexo latejava, me entorpecia, num gozo gasoso. Refletiam-me espelhos alucinógenos, em colagens estapafúrdias, amigos iam e vinham, do nada para mim. Em vãos bruxos, mulheres que abriam vaginas lubrificadas, pênis que fazem doer. Pareciam minha última hora, última chance. Lá estava: a esperança esmagada. A lua cheia brilhava fulminante, as estrelas gotejavam, como chuva louca de reflexos sobre oceano que eu via, naquele lugar distante, surgiam seres imaginários, vinham do meu mar, dos meus rios de papel e máquinas. Vejam: céu, inferno e purgatório, como uma Florença rediviva.

(O monstro viola a inocência da bailarina, que culmina no gozo. O Homem vendo a cena, grita e cai no chão transfigurado, chorando. Enquanto uma luz tênue foca a bailarina vencida e só, que desorientada sai).

Homem — Caindo, volto em pensamento ao passado. Vivo para distribuir entre os mais estranhos as experiências vulgares que me custaram tanto. Quero avisar a todos sobre os perigos do Monstro, a voz não sai. Cai, sangrei, levantei e dentro do meu coração, um pequeno índio inocentemente, transformando-se em nuvens brancas num céu noturno, sob luar, sombreando as pedras que chacoalhavam no meu inconsciente, nos meus sonhos.

(Um som estranho, o monstro aparece se esgueirando lentamente entre a estrutura do andaime como um animal pronto para dá o bote, o homem o segue, temeroso com uma lanterna, o resto do palco fica na penumbra).

Homem — Silêncio, agora. Porque vem brotando o que não pode ser sempre semente. E ele, o monstro que aparece. Ele que deixou as trevas e brotou de repente e de uma fonte próxima jorrou um leite tão doce, puro, virginal, reluzente, gotas pétalas, amor transparente, uma nova vida. As portas do inconsciente, de par em par, abriram-se em tráfico entorpecente sol e lua novamente. Cosmo da arte tão presente, resto tão serpentes, maçãs, o vento, o livro, testamento, a dor, as lentes escorreu o orgasmo em anos, silenciosamente, contrastes com o terror: os olhos do Monstro, frios a olhar-me. A estampar o que os domingos calaram e agora já o sabe toda a gente: que é chegada a hora do monstro, que já não há tranca que o sustente.

(O monstro fica cara a cara com o homem)

Monstro - Porque não existe pintura, psicanálise, cadeia, nem porrada, câncer, igreja correntes que segurem o Monstro, eu sou caçador, gato manco depois de atropelado, bêbado, arrastando-se estrada a dentro, em busca de um bar, um obcecado em busca de sexo, avessas travessuras.

(O monstro toma a lanterna do homem. Tudo fica escuro o monstro aparece com a lanterna. Ele desafia o público e até o próprio homem, ele rir e zomba de todo)

Monstro - O reaparecimento do Monstro é como o petróleo jorrando, ele ria do ridículo Apocalipse prometido há dois mil anos... Falso cálculo de eclipse! Um gordo coração crescendo. Lábios soprando fumaça, língua, palavras. Beijos com sabores artificiais, minha guerra é oblíqua. Meus soldados, putas paspalhonas... Eu estou no celular — na fita celulóide, falso andróide, humana ponte de safena, despejando, trançando planos ao redor do seu sangue e você naquele vale deserto, selvagem, enluarado. Sem saída?

(Muda a luz O monstro vai desenrolando lentamente outro tapete vermelho, sobre ele vem a bailarina em trajes de santa despetalando um buquê de flores vermelhas).

Homem - Na minha alucinação, dias passavam, modorrentos, sedentos, cheio de suores, chuvas, calores, calafrios. Eu vagava por castelos, por casebres, lojas. Empilhavam-se cidades, pensamentos, trilhas adiamantadas (quilates exagerados). Dispersões, conjurações, passeatas. Eu segui vários cortejos. Carreguei e fui carregado, em apavorantes andores no ardor, fervilhando sangue. Olhando para todos os lados. Cadê meu algoz?

Bailarina – Tranquei-me em paredes psicodélicas, em rituais angelicais. Sinos repicando velhos dobres. E em cada um, as ruas. Calçadas. Indo e voltando. Dando risadas que ecoavam no fundo medroso dos meus ouvidos pedindo ao amor que lhe desse coragem para desafiar aquele Monstro, chamado destino.

(A bailarina some. Tudo parece uma alucinação. O monstro desfaz e destro! o caminho da santa, ele se irrita desafia o homem. E aos poucos vai tecendo uma teia, em torno do andaime, até prender o homem nessa teia).

Homem - Estranha aranha, que tecia as teias da agonia fazendo com que a realidade, sempre derrotada pela imaginação não estivesse mais à altura do meu sonho e que uma vida inteira parecesse sempre tão pouco tempo para a glória, paixão, sacrifício, tudo que dava sentido à minha existência. Imaginei que a pior idiotice era pensar que o homem nasce livre. Comecei a imaginar um tipo que faz alguém ter vontade de fugir da cadeia, esfreguei minha bola de cristal e vi que mesmo sendo atacado pelo Monstro, eu devia provocá-lo (ele, que devora seres humanos rapidamente, nem a música acalmava sua selvageria), com tudo do jeito que estava, eu não tinha muitas chances, ele me queria no inferno, se procurou enervar-me, não deu certo.

(O homem consegue se soltar, e enfrenta o monstro, que luta e cai vencido)

Homem - O Monstro estava fora de mim, então, e nunca mais entraria. *(Uma melodia é escutada)* Uma estranha melodia se fez ouvir, envolveu o ébano da criatura. O monstro olhou-me diabolicamente. Olhos mortiços, sem vida, cheios de frieza. O Monstro sabia que, ao deixar meu corpo, O contaminaria com o fim do poema, ele sabia que qualquer que fosse o escopo, seria ruir a escultura, o sistema, por isso, ao olhar para outro espaço ele sentiu palpitar nas paredes do seu antigo lar - meu coração, um novo castelo, novo paço (chamado vácuo), antiga solidão.

(O Monstro some entre o tecido vermelho posto em baixo do andaime. De um lado aparece novamente a bailarina, com o som da caixinha de música, o homem fala para ela).

Homem - Dessa última vez vamos tentar, eu e você sermos como uma imensa família, sermos felizes juntos neste improvisado novo altar neste sábado que sempre se quis. Uma mulher e um homem no mundo peixe e o mar. Imolação. Tentar beber do velho vinho.

(A bailarina some, como se não ouvisse o homem. O monstro vai saindo entre o pano vermelho, como que nascendo de novo).

Voz em off - A Glória do Recife é uma rua, e a revolução é uma menina fugindo da chatice latrina americana. É essa menina da rua da Glória que eu quero, e não encontro e me amo sozinho.

Homem - Possuidor possesso. Num espasmo, à espera. Consigo mover-me: pego o revólver, ele desaparece. Quero matá-lo. Gasto munição à toa. E inútil. Ele reaparece como Madonna arreganhada sangrando. Dedos na vagina quente, reluzente, encantada pela oração que a redimia, pecadora infame, disco, dígito. Metáforas da mama. Grande Mãe Canguru que desperta! Querendo um filho do meu sêmen, de mim, de novo: não!

(O monstro e o homem lutam novamente, um tiro é disparado no ar um breve silêncio, o homem se rende ao monstro).

Homem - A natureza está quieta nesta manhã de sol tão urbana e eu percebo através das poderosas lentes que ninguém sabe o jeito de amar a si próprio, envolvidos pela ganância ou pela abstinência, os desejos são embalados, pedem empurrões. A vontade corta as raízes da vida e eu respiro ao escutar o assobio do vento nas janelas meus companheiros chegam, partem lembranças fotografadas. Passado.

Monstro - Parece que os sentimentos mudam, as nuvens desenham sombras entre os prédios, o azul/verde/cinza/dourado-prateado do mar, cintila o telefone toca - Alguém para dizer que me ama, é chato. Meu amor dispensa declarações, assim as palavras atropelam minha calma.

(O homem avança no pescoço do monstro que ruge, solta-se e as mãos da fera passa para o seu pescoço, parece quase sufocá-lo, e o beija. O homem tosse e o monstro cai aos seus pés).

Homem - Eu tusso, escarro, me beijo. O Monstro sai de mim, novamente e se espalha pelo mundo. Não sinto somente seu olhar, compartilho com o monstro este sentimento cósmico de alquimista solitário. A força da engrenagem alimenta a única verdade: nada é definitivo. O Monstro volta com trovoes e vento frio.

(Aparece a bailarina, e/a tenta paços de dança e não consegue, no lado contrario da cena aparece o monstro. A mulher se aproxima, e/a parece perdida, o homem à veste com roupas vulgares e a maquia. Ela ri com um olhar louco, perturbador, e se insinua para o monstro, o qual se diverte com o seu corpo. O homem observa a cena, O Monstro fala enquanto veste a mulher)

Monstro — Sem que se perceba a encontro nua sorrindo e chamando.

Mulher - Vem que eu sou sua.

Monstro - Fui me aproximando da cama em que ela estava. Beije seus pés e fui subindo na rua da Glória, quanto tempo fui sumindo, e sem te ter tão perto e sem poder, você aqui a deixar que eu abuse, goze, seja seu homem. Gemo, lambo tuas coxas, perfeitas para mim, te queria exatamente assim, e tive. E fiz. Que bom, ter entre dedos desmanchando novelos, teus cabelos, teus peitos tão seguros, suaves mãos, lábios carnudos, maduros. Olhos escuros, sede de êxtase, de éter. Éden que me leve, beijo que me preserve neste momento para sempre, neste fervor.

Homem - A menina tentou fugir, curtir! Frente a frente com o demônio, ela queria ser possuída, o diabo em riso se desmanchou. Minha menina já me deu muito medo, ferida e sozinha, perdeu a vergonha cedo, e sem carinho, encontrou a loucura, realidade além do real, na procura. Se pudesse ser como as outras, estaria salva ou não? Minha menina da rua da Glória quer ser secretária! Como é que eu pude?

Monstro - A menina se vira, insinua algo, a grande vedete dormia só, com alguém que lhe havia pago. Seu estilo é americano, querida, tome uns *drinks*, minha vida, não existem almas sensíveis por aqui, só medo, nem simpatia, nem calor humano — Sorria: não é segredo.

(A mulher dá o texto movimentando-se numa partitura)

Mulher - Eu vou, sem graça, madrugada largando a caça, madrugada, a vida meio chata na impossibilidade₁ transpassa francamente, displicentemente, distraída da farsa de um dia vago como um apartamento vazio, perto da praça, jogo inútil de metáforas repetidas até a carcaça.

(O monstro sai, e volta com um microfone, como se tivesse apresentando um show de televisão. Ele é sarcástico e cruel)

Monstro - Graça suspira, transpira, respira, se vira.

Mulher - A vida vara, a emoção esfria, nem ódio, nem amor me descalça, sapatos novos, repetir roupas, pegar elevador *Playground* assassino, armadilha suicida, esse leve tremor de um dia passado, na falta de amparo, no inútil rancor no levantar das âncoras: partidas correntes, sem nenhum frescor.

Monstro - Graça suspira, transpira, respira, se vira.

Mulher - Nada me espanta, músculos enfraquecem, olhos cansam, um certo clima, certo *dancing day*, recordações levantam ritmo dissoluto, *drink* transparente, mulheres cantam e assim, parecendo sem resultado final; peijas espantam diferentes juventudes, desdenhosos *teachers*, que se enfadam.

Monstro - Graça suspira, transpira, respira, se vira

Mulher - Nuvens vagueiam, sacudidas pela repentina brisa nos meus dentes, narinas, barriga, meu bebê avisa o filho que eu não queria mas, (quem) precisa? Apareço no café expresso com bolo, indecisa, aborto marcado, fatias de fígado e coração que repisa.

Monstro - Graça suspira, transpira, respira, se vira.

Mulher - Apertando os dedos, *paletozinho* entreaberto, maquiagem, vai garota: coragem, banco de táxi, lágrima furtiva, no meio da viagem roendo unha, retocar batom, rasgão na paisagem cidade plana, Recife, rito de passagem vida que quis, efervescente, livros, selvagem.

Monstro - Graça suspira, transpira, respira, se vira

Mulher - Do aeroporto dos Guararapes, beira-mar, Pina Cabanga, Derby) pivete não há quem possa, Madalena às sete, pagar táxi, seis e meia, abrir portão, rainha, valete, pai dormindo mãe na cozinha, insípido chiclete, escova, mente, vaso, descarga, chuveiro, gilete...

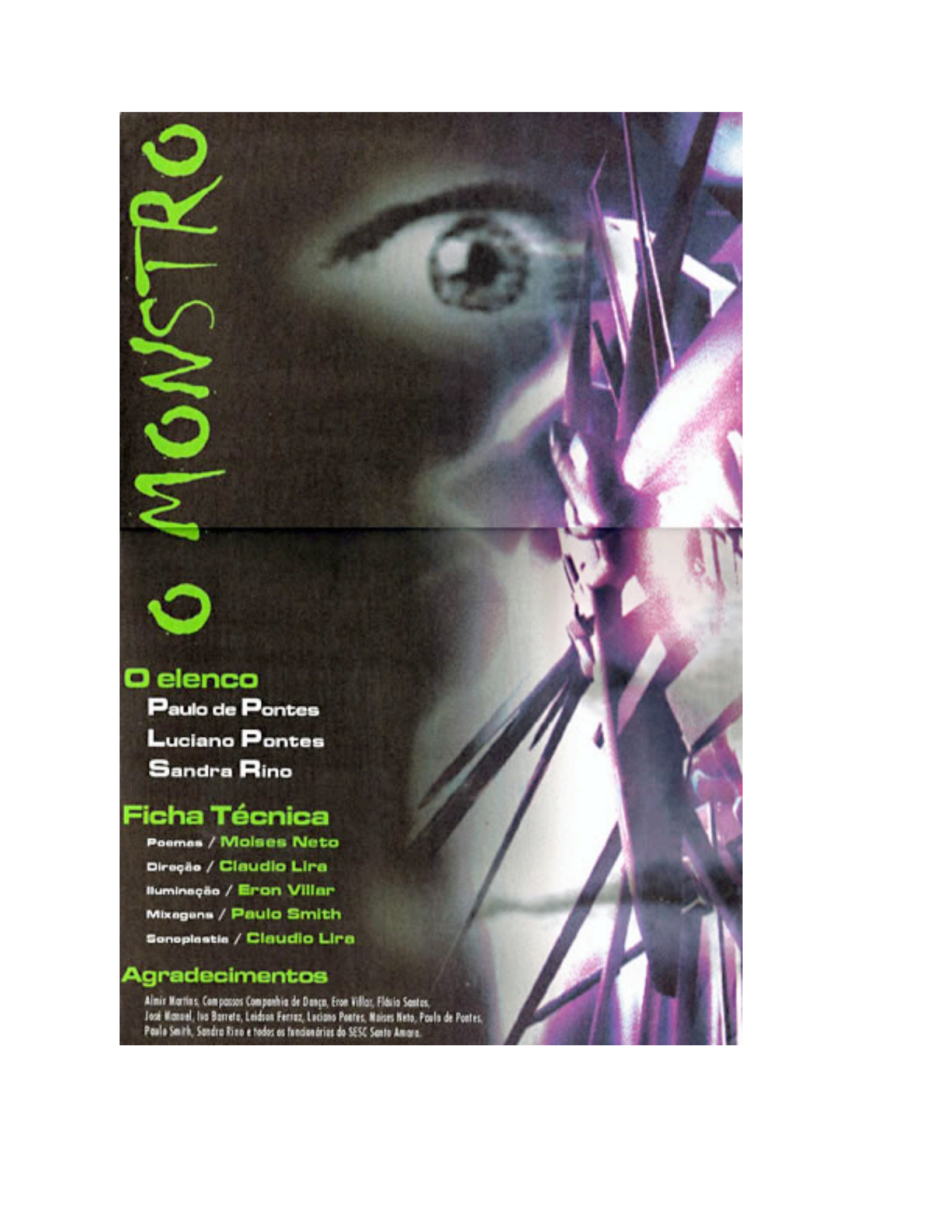
(A mulher cai com os pulsos cortados)

Monstro - Há algo mágico no sexo. Às vezes um amante depois do coito, parece um fantoche desconexo sendo jogado ao alto, sangrando sobre um asfalto, fizemos amor por um tempo e eu dormi, na manhã seguinte o bilhete: “Não pergunte. Eu parti...” Continua a mesma história.

(O monstro aproxima-se de/a, fala o texto, joga um bilhete sobre o corpo e carregando o corpo, colocando-o na parte inferior do andaime).

Homem - Estou no 23º andar do edifício Marajó ao lado do Parque 13 de maio com o grande Recife aos pés, ao redor **dentro de mim o Monstro** se retorce aceitei-o de volta (não riam), pois não havia saída foi melhor que tentar me enganar. A coisa se espalha em mim, brinca nas minhas veias o mal que facilmente alastra-se num contágio sem fim minha alma é posta à prova, e como políticos que se esfaqueiam e se beijam, eu e o Monstro mergulhamos nossos olhos no Atlântico. Logo ali. O Monstro é o campeão na arena do mundo real eu olho a platéia, penso nas apostas. Não há vaidade no Monstro. Nem remorso. Na cidade destruída cada minuto contém a eternidade - a chuva acabou com tudo, a peste devorou o resto, o fogo cresceu ficou difícil de apagar, fugir dele é afogar-se na insensatez. E o pulsar final do amargo verbo chamado esperança a suspeita mostrou-se pior do que a certeza. O Monstro abraça-me.

(O Monstro surge na mesma posição do homem no início, em frente à televisão. O homem no chão sai. Blackout)



O MONSTRO

O elenco

Paulo de Pontes
Luciano Pontes
Sandra Rino

Ficha Técnica

Poemas / Moises Neto
Direção / Claudio Lira
Iluminação / Eron Villar
Mixagem / Paulo Smith
Sonoplastia / Claudio Lira

Agradecimentos

Almir Martins, Compositos Companhia de Dança, Eron Villar, Flávio Santos,
José Manuel, Ivo Barreto, Leidson Ferraz, Luciano Pontes, Moises Neto, Paulo de Pontes,
Paula Smith, Sandra Rino e todos os funcionários do SESC Santo Amaro.

FICHA TÉCNICA

O elenco

Paulo de Pontes

Luciano Pontes

Sandra Rino

Poemas / Moisés Neto

Direção / Cláudio Lira

Iluminação / Eron Villar

Mixagens / Paulo Smith

Sonoplastia / Cláudio Lira

Agradecimentos

Almir Martins, Compassos Companhia de Dança, Eron Villar, Flávio Santos, José Manuel, Ivo Barreto, Leidson Ferraz, Luciano Pontes, Moises Neto, Paulo de Pontes, Paulo Smith, Sandra Rino e todos os funcionários do SESC Santo Amaro.

A ENCENAÇÃO

O Projeto “Poetas da Terra” do SESC Santo Amaro, desta vez, traz à cena, os poemas do dramaturgo, escritor e professor pernambucano, Moisés Neto, que com vinte anos de carreira, escreveu e montou mais de vinte peças teatrais. A encenação é baseado nos poemas: “A menina da rua da Glória”, “Graça” e “O monstro”.

O espetáculo propõe um mergulho no inconsciente do homem moderno, sufocado com a correria do dia-a-dia e a solidão das grandes metrópoles. E põe ainda a prova os seus mais obscuros segredos e desejos – “o que os domingos calam”. Como se no nosso inconsciente, vivesse um monstro, capaz de realizar coisas inconfessáveis, o homem na sua origem mais primitiva, como um predador, insaciável, na busca de sua presa. Em contrapartida há o medo de que esse mesmo monstro ponha a tona esses sentimentos, colocando-o frente-a-frente com a verdade dos fatos da sua existência, mergulhando-o, vazio, no vácuo, da sua solidão, dos seus medos, do seu ser. Esse monstro lhe cobra uma postura perante a vida, e grita dizendo que “nada é definitivo”, pois as coisas desgastam-se com o tempo. É impossível fugir desse monstro.

A encenação se passa num pequeno apartamento no 23º andar de um edifício no centro da cidade do Recife, onde um homem solitário depara-se com lembranças e angústias, que o remete a fatos que ocorreram no seu passado e que, por medo de enfrentar as conseqüências, gostaria de esconder. É através da culpa, que surge das suas entranhas, dos seus pensamentos mais obscuros, um monstro, criatura sedutora e voraz, que alimenta-se dos seus desejos mais sórdidos. É ele, o monstro que como um algoz, friamente, vai pondo a tona as verdades mais duras e cruas das suas agruras. Em contrapartida aparece a personagem de uma bailarina, ícone de fragilidade, pureza e ingenuidade. Ela é seduzida e violada por esse “monstro”, perdendo assim a sua própria identidade, logo depois se vê abandonada, descartada como um objeto, ato esse que provocará danos irreparáveis na vida dessa menina, mulher. Motivo principal, das angústias deste homem, que para se reerguer, precisará enfrentar o seu monstro, aceitar as suas culpas, para se redimir da própria vida, ou afogar-se nela.